

PELAS MÃOS DE ALICE: A TRAJETÓRIA DE UMA FILANTROPA COMUNISTA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Andréa Ledig de Carvalho Pereira *

Resumo: Neste artigo discutiremos a trajetória de Alice Tibiriçá. Inicialmente uma mulher da elite que, à frente da Sociedade de Assistência e Prevenção à Lepra da cidade de São Paulo, irá estender as mãos aos lázaros, depois a feminista e comunista. Intentando analisar as implicações do seu devir filantrópico pelas suas itinerâncias na vida doméstica e no cenário político, buscamos compreender o significado da filantropia nos embates por direitos sociais e de gênero na montagem dos sistemas de proteção social.

Palavras-Chave: Gênero – Filantropia – Proteção Social

Abstract: We will discuss the trajectory of Alice Tibiriçá. Initially a woman of the elite who, at the head of the Society of Assistance and Prevention of Leprosy of São Paulo, will reach out to Lazarus , after feminist and communist . Attempting to analyze the implications of his philanthropic becoming by their itinerant in domestic life and in the political arena, we seek to understand the meaning of philanthropy in struggles for social rights and gender in the assembly of the social protection system.

Keywords: Gender – Philanthropy – Social protection

Em 29 de setembro de 1949, Alice Toledo Tibiriçá, aos 63 anos de idade, uma reconhecida filantropa brasileira, era detida pela Delegacia de Ordem Social para prestar esclarecimentos, quando pretendia tomar parte em uma reunião de mulheres no nº 102 da Rua Vergueiro, na cidade de São Paulo. A prisão, nesses tempos, fora motivada pelo fato de a referida senhora manter “estreito contato com líderes do PCB, por intermédio do Instituto Feminino do Serviço Construtivo, entidade de caráter eminentemente marxista, da qual é presidente”.¹

Essa filantropa, conhecida apenas como Alice Tibiriçá, uma das mulheres mais atuantes na montagem de uma vasta rede de proteção social aos portadores de hanseníase e tuberculose,

* É doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social-UFF, orientada pela Profª Drª Suely Gomes Costa. O e-mail para contato é: ledigandrea@gmail.com

era também líder feminista e fundadora e professora do Instituto de Serviços Sociais da Instituição Carlos Chagas, localizado na capital da República.

Alice tinha propósitos de vida que também figuraram na trajetória de outras mulheres de seu tempo, como o da certeza da relevância feminina na construção de um novo Brasil, em ações singulares fundamentais na criação da rede de proteção social. Trata-se, ainda, de um protagonismo voltado para a criação de novos espaços de atuação feminina.

Alice era a segunda filha do general do Exército José Florêncio Toledo Ribas e de Maria Augusta Rangel Ribas. Alice Toledo Ribas nasceu em 09 de janeiro de 1886, em Ouro Preto, na época capital do Estado de Minas Gerais, onde viveu os primeiros anos de sua infância. Era chamada pela mãe de bugrinha. Em seu caderno de memórias, escrito em 1941 a pedido de sua filha, Alice relata que as bonecas nunca a seduziram e os afazeres domésticos nunca a atraíram. Gostava mesmo era de apreciar a natureza e de brincar no trapézio, presente do pai. Foi nessa época, por volta dos dez anos, quando sua irmã estudava no colégio Sion, em Petrópolis, que a escola primária entrou em cena. Alice já sabia ler e escrever e achava a escola monótona: “Não gostava mesmo da escola, quase sem ar e repleta de alunos”.² Diante disso, a mãe lhe propôs estudar com um professor particular, prática bastante comum entre as famílias mais abastadas, o que a deixou radiante. Descobriu aí, com o professor Sr. Pessanha, o amor pelos livros e o fascínio pelos estudos.

Nesse ambiente familiar, pela primeira vez Alice travou contato com a compaixão pelos corpos sofredores³. Em suas memórias, Alice relata com saudades, as práticas de ajuda ao próximo desenvolvidas por sua mãe: “Vi aquelas lindas mãos lavando chagas de doentes. Augusta acolhia sempre os que dela necessitavam”.⁴ E, as visitas que fazia aos presos da cadeia pública na companhia de seu primo Lourival: “Foi nessa cadeia que aprendi, singularmente, a essência humana que há em toda criatura. Lá os detentos faziam, para mim e meu primo, banquinhos envernizados, brinquedos etc. Em troca, dávamos a eles lápis, tinta e o conforto de nossa presença”.⁵

Em 1898, a mãe de Alice, em mais um ato de solidariedade se muda com as filhas para o Rio de Janeiro, a fim de cuidar de uma irmã doente. Sua casa em Laranjeiras passou, então, a ser uma parada obrigatória dos estudantes de Medicina vindos de Ouro Preto. Havia ficado em Ouro Preto a Alice “bugrinha”, cidade para a qual sua família não mais retornaria. Com a morte dos pais no ano de 1899,⁶ a irmã Marieta se casa com o então médico recém-formado, Abraão Glasser. Alice, então com 14 anos, foi residir na cidade de São Paulo com “vó Margarida”, sua tia-avó paterna, e com suas duas filhas viúvas, Margarida e Mimie, além do

“tio” Max, responsável pela mãe e pelas irmãs. Informa ela: “As tias eram ótimas criaturas, embora antigas na maneira de pensar e de viver [...] O enorme carinho para com Alice – e vice-versa – fazia com que fosse superada a visível diferença de personalidades”.⁷

É, assim, provável que, sendo esta uma família tradicional, nem sempre ofereceria um espaço para novos voos. Certa vez, Alice declinou de um convite feito por um professor para cursar o ensino superior na Escola de Ouro Preto. “Muitas vezes falava nisso, depois lamentando um pouco não haver seguido o conselho do mestre” (MIRANDA, 2005, p. 21).

A tão desejada formação profissional só veio anos mais tarde, em 1922, no curso regular do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. O ingresso nessa instituição pode ter significado, e certamente foi, um relacionamento mais próximo e cotidiano com o mundo cultural. Nesse espaço de sociabilidades, Alice se torna a aluna “dileta de Mario de Andrade”, um dos líderes do movimento modernista e ícone da Semana de Arte Moderna de 1922.

A ausência de curso superior não a impediu de, anos mais tarde, circular pelos meios acadêmicos e políticos. Suas atividades filantrópicas junto aos lázaros a puseram em contato com o mundo, consolidando um vasto capital social e moral. Foi esse ambiente que a capacitou, num sentido amplo, para o exercício de suas atividades intelectuais.⁸

O primeiro olhar de Alice para a questão da lepra ocorreu em 1913. Já era casada com o jovem engenheiro João Tibiriçá Neto, filho de uma tradicional família de políticos paulistas e já era mãe de seu filho Jorge, nascido em abril desse mesmo ano. A família se mudara para a cidade de São Luís do Maranhão. Durante sua permanência na cidade, costumava observar que “passavam seguidamente leprosos, a cavalo, mendigando. Numa época em que ainda pesava sobre os hansenianos um terror bíblico, Alice via as esmolas lhes serem atiradas à distância. Impressionou-se vivamente” (MIRANDA, 2005, p. 14). Nesse período, o filho de dois anos adoeceu. Coberta de furúnculos, a criança

[...] não tinha posição para sentar-se ou deitar-se. Certa vez, ao almoço, fez um uf! de alívio. Conseguiu uma posição mais confortável [...] deitando-se de barriga sobre elas (uma fila de almofadas), comendo como um bichinho. Todos se comoveram e os olhos de Alice se encheram de lágrimas.⁹

Residiria aí, a mensagem explícita quanto à motivação de Alice para suas ações filantrópicas em direção àqueles corpos descarnados pela “lepra” e pela miséria. Acredito que sim. Pois como afirma Laqueur “as grandes causas parecem originar-se do poder que tem um dorso dilacerado, uma fisionomia doentia, uma morte prematura de estimular a imaginação moral”¹⁰

Anos mais tarde, em 1921, quando a família já residia em São Paulo, o filho Jorge foi novamente acometido de uma doença que lhe causou feridas pelo corpo, dessa vez tifo exantemático. Alice vivenciará um novo encontro com a dor e o sofrimento de um corpo dilacerado por feridas. Daí a observação de que a experiência antes descrita possa ter lhe suscitado a compaixão capaz de mobilizá-la: “[...] quando estendia a mão a um enfermo, declarava estar praticando um dever, que cumpria com todo o calor da solidariedade humana”. Nesses registros, há muito daquilo que Laqueur (1992) chamará de “narrativas humanitárias”¹¹. Ao transpor o abismo entre fatos, compaixão e ação, Alice se move das ações caritativas vinculadas à benemerência cristã, realizadas por sua mãe no espaço doméstico para o campo de ações filantrópicas sistemáticas que lhes deram reconhecimento nacional e internacional, na primeira metade do século XX.¹²

Para Alice, bastava um pequeno passo para levá-la da vocação humanitária à ação (LAQUEUR, 1992). Assim, no dia 21 de fevereiro de 1926 realizava-se, na residência da Rua Tamandaré a reunião de fundação da primeira Sociedade de Assistência às Crianças Lázaras de São Paulo que, em março do mesmo ano, passou a se chamar Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra de São Paulo.

Inicialmente, suas atividades contaram com o apoio e os aplausos dos setores masculinos em posição de autoridade familiar: o sogro, que cedeu o espaço de sua residência para que se realizasse a reunião da qual participaram homens e mulheres da elite paulistana, e do esposo que, ao lado de Alice, iria participar de diversas ações desenvolvidas junto ao poder público e à sociedade civil para debater a questão da “lepra” no Brasil.¹³ A saúde pública era colocada no debate nacional como elemento-chave para que o Brasil deixasse de ser “um imenso hospital” e se tornasse efetivamente uma nação moderna.

Em 1927, Alice se muda com a família para uma grande casa em Perdizes. Ali, instala o Instituto de Ciências e Artes Santa Augusta, nome que se configura como mais uma homenagem à sua mãe. Como muitas mulheres de seu tempo, Alice tornara-se filantropa e professora. Nesse ambiente, em que a casa e o colégio estão sediados no mesmo espaço geográfico, a ideologia das esferas separadas torna-se uma fantasia. Movida talvez pela imagem ideal de boa mãe, que perpassa o imaginário feminino, Alice – como muitas mulheres ainda hoje – procurava se equilibrar entre os dois domínios.

Na trajetória de Alice, as atividades profissionais desenvolvidas no campo da educação feminina também lhe abriram novos caminhos no mundo público. Sua larga campanha pela educação especializada de moças da zona rural era realizada por meio de conferências. Suas

publicações de matérias de interesse de jornais e revistas sobre as ações desenvolvidas nessa área lhe deram visibilidade e, possivelmente, aproximaram-na das lutas feministas.¹⁴ Anos depois, as ações médico-sociais desenvolvidas à frente da campanha contra a hanseníase já lhe tomavam a maior parte do tempo e reclamavam sua dedicação. Era preciso escolher que caminho seguir: a filantropia ou a educação. Em 1933 encerraram-se as atividades do Instituto.

Dando continuidade ao Programa da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra de São Paulo, de criar em outros Estados grêmios de igual finalidade, Alice escreveria ao Dr. Belmiro Valverde, organizador e secretário geral da primeira das “Jornadas Médicas” da América Latina, realizada em 1928 na cidade do Rio de Janeiro, para solicitar que fosse incluída no programa das conferências a “questão-lepra”, num claro indício da aliança estabelecida entre mulheres e médicos nessas primeiras décadas do século XX¹⁵. Alice profere, no dia 19 de julho de 1928, no salão da Academia Nacional de Medicina, a conferência intitulada: O Feminismo e o Combate à Lepra.

Dois anos depois da realização e da publicação dessa conferência, Alice é eleita a feminista mais expressiva do Estado de São Paulo. Em plebiscito realizado pelo jornal *São Paulo* para escolha das 12 personalidades mais expressivas do Estado nos setores político, artístico, esportivo etc. De fato, se Alice, já era conhecida no meio social paulista por suas ações filantrópicas e educacionais, agora seria também (re) conhecida como feminista.

A década de 1930 chega à sociedade brasileira trazendo grandes mudanças no cenário político. Na tentativa de reafirmar junto ao novo governo as aspirações feministas, além de atrair novas adeptas, a FBPF realiza, em junho do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro, o II Congresso Internacional Feminista.

Na trajetória de Alice é possível perceber o quanto “na saída em direção à vida pública as mulheres vivenciam ganhos e dilemas políticos. Ganham espaços diversos e tomam consciência de si e do outro”¹⁶. Porém, nela também localizamos os impasses decorrentes de suas tradicionais responsabilidades domésticas. Assim, ao mesmo tempo em que participava do II Congresso Internacional Feminista, como responsável pelo tema *A mulher como fator social*, Alice vivia a angústia da mulher-filantropa e professora para conciliar as atividades domésticas e extradomésticas. Tal dilema se torna perceptível na Assembleia da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Combate à Lepra de São Paulo, realizada em 16 de junho de 1931, em que Alice anunciava:

[...] a necessidade de deixar a presidência dessa agremiação, a fim de desenvolver atividades próprias, pois encargos de família tinham ficado enormemente –

irreparavelmente, quase – prejudicados com a minha permanência naquele posto, cujos trabalhos aumentando sempre, reclamavam um tempo que não podia dispor.¹⁷

Em 30 de junho de 1931, Alice finalmente apresentaria em reunião convocada pela Sociedade de Assistência aos Lázaros do Rio de Janeiro o esboço do Estatuto da nova Federação, que deveria ter sua sede naquela cidade. Finalmente, no dia 24 de fevereiro de 1932, na sede da Sociedade em São Paulo, Alice seria eleita presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. Como presidente da Federação, Alice ampliava seu poder político.

E foi como presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra que em 03 de maio de 1932 Alice reiterava, através de ofício ao Presidente Getúlio Vargas, a moção solicitando que o segundo domingo de maio fosse consagrado para homenagear as Mães, já apresentada por ela e aprovada por aclamação no II Congresso Internacional Feminista. Ao exaltar a maternidade como função social e, portanto, pilar da cidadania feminina, Alice e as feministas de seu tempo se vinculam ao “maternalismo feminista” ou “feminismo maternalista”. As mulheres não eram cidadãs apesar de serem mães; elas eram cidadãs por serem mães.¹⁸

As ações filantrópicas desenvolvidas por Alice a tornam uma importante interlocutora política no cenário das ações médico-sociais de combate à lepra. Se, inicialmente, seu prestígio político estava vinculado ao nome da tradicional família de políticos paulistas, os Tibiriçá. Na tessitura de uma rede nacional de proteção aos portadores do Mal de Hansen, seu nome ganha cada vez mais reconhecimento.

O ano de 1932 foi intenso para Alice. Como várias mulheres das classes média e alta de São Paulo, ela iria participar ativamente na campanha constitucionalista. Mineira de nascimento, tornara-se uma “Mulher Paulista”¹⁹. As origens da insurreição podem ser encontradas na velha oligarquia paulista – a que a família Tibiriçá estava ligada – pretendendo retomar as posições perdidas. Mas, para Alice, foi na ação contra a ditadura que todo o Estado com seus vários segmentos se mobilizou. Anos mais tarde, ao comentar sobre esse episódio, Alice perguntava: “Se tivesse sido vitoriosa a Revolução Constitucionalista de 1932, ocorreria o Estado Novo em 1937?” (MIRANDA, 2005, p. 91). Talvez resida em seu espírito libertário, nesse que jamais aceitaria um regime autoritário, uma das motivações para sua inserção nessa luta.

Enquanto o filho e o esposo lutavam nos campos de batalha, Alice abria as portas de sua casa em Perdizes, onde funcionava o colégio que a todo custo tentava reerguer, para ser a sede

da Liga Feminina de Defesa Nacional. No local instalara, sob a orientação do Dr. Pedral, um curso de enfermagem de guerra. No térreo do casarão, funcionava “uma seção de costura para os combatentes e uma seção de cozinha que fornecia almoço às famílias necessitadas dos que partiam. As nossas portas permaneciam abertas”. Mas isso não bastava para Alice. Com uma personalidade que “não via obstáculos intransponíveis quando um imperativo mais forte se apresentava à sua consciência” (MIRANDA, 2005, p. 119) decide, então, viajar para sua terra natal, Minas Gerais e para a Capital Federal.

O trânsito de Alice pelas esferas do poder político – em Minas Gerais e na Capital da República – durante sua viagem revela as possibilidades efetivas de uma filantropia nas primeiras décadas do século XX, numa clara conexão entre filantropia e política, assim como entre o público e o privado nas trajetórias femininas.

Na viagem, de volta para São Paulo, a senhora Tibiriçá se encontra no trem com Maria Lacerda Moura e a convida para que se hospede em sua casa antes de seguir a viagem que a levaria a Guararema. A respeito das feministas e intelectuais de uma mesma geração, é provável que suas trajetórias tenham se cruzado por diversas vezes em inúmeros momentos e espaços, construindo, apesar das diferenças políticas, laços afetivos. Se o encontro com Maria Lacerda Moura a aproximou do pensamento de esquerda, não sabemos. Mas, no ano seguinte, Alice participa ao lado de outras feministas do movimento pró-libertação de Obdulio Barthe, líder do Partido Comunista Paraguaio, conforme noticiava o jornal *Folha da Noite* de São Paulo, de 13 de fevereiro de 1933: “Diante de uma Alice com uma sensibilidade política muito mais complexa, o fim do Movimento de 1932 não trará de volta a harmonia entre ela e o Governo Paulista. Mas às vezes mudar é preciso!”

Se até 1930, diante de uma intervenção estatal esparsa e frágil quanto à questão da lepra, coubera à filantropia assumir e viabilizar o atendimento aos “desvalidos”, tendo o Estado como mero parceiro dessas ações – principalmente através do repasse de verbas - a partir da chegada de Vargas ao poder a montagem de um modelo intervencionista de Estado não se fez sem conflitos e tensões entre as instituições filantrópicas e o poder público.

Nuvens carregadas cobriam os céus paulistas, silenciando as atividades desenvolvidas por Alice à frente da Sociedade de Assistência aos Lázaros de São Paulo. Em busca de dias mais ensolarados, Alice, estrategicamente, desloca sua atuação na S.A.L. de São Paulo, de onde durante seis anos irradiou suas ações para todo o Brasil, para o espaço da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra na cidade do Rio de Janeiro.

Com a Federação submetida ao projeto centralizador do governo Vargas, não havia mais espaço para os questionamentos políticos de Alice. Ela então decide se afastar definitivamente da Federação e da campanha de combate à lepra. E, assim, em março de 1938, Alice iniciava uma nova fase, fundando na capital da República a Instituição Carlos Chagas, por ela dirigida até o seu falecimento.

No intuito de fazer em relação à tuberculose o mesmo que conseguira na luta contra a lepra, “coubera à instituição Carlos Chagas, para melhor êxito das iniciativas, esforçar-se pela unidade de ação das entidades congêneres, procurando estabelecer pontos de contato e elos entre as já constituídas”. Em 25 de julho de 1944, com a adesão das principais entidades do Rio de Janeiro e das de outros Estados, fundava-se, na Capital da República, a Federação das Associações de Combate à Tuberculose.

À medida que Alice se aproxima progressivamente do discurso de esquerda, apaga de suas bandeiras as lutas por questões específicas, lançando-se, exclusivamente, às lutas gerais das reivindicações econômicas e políticas. Dizia ela: “Perdi 20 anos de minha vida em lutas parciais. Só quando o Brasil for emancipado econômica e politicamente, todas essas causas serão resolvidas”.

E era em torno das chamadas “lutas gerais” como a carestia, que se fazia sentir nos lares brasileiros, que mulheres de diferentes classes sociais se mobilizavam nas Uniãoes Femininas.²⁰ E, foi com o objetivo de congregar as atividades *femininas* que, em 1946, o Instituto Carlos Chagas fundava o *Instituto Feminino de Serviço Construtivo* que, sob a direção de Alice Tibiriçá, funcionou como elo entre numerosas Uniãoes e outras entidades *femininas* no Rio de Janeiro.

No ano seguinte, o novo Instituto é convidado para participar em Praga na então chamada Tchecoslováquia da reunião do Conselho da *Federação Democrática Internacional de Mulheres* – instituição com sede em Paris vinculada às feministas socialistas da Europa. Alice é eleita por unanimidade para representar o Brasil. Em Praga, certamente ouviu falar do marxismo e travou contato com experiências socialistas. Ali, provavelmente, não se discutiam questões referentes à condição das mulheres, mas sim de que forma as mulheres poderiam atuar no processo revolucionário. O impacto dessa experiência deve ter sido complexo para Alice.

Embora Alice não proclame a tutela das organizações de esquerda e do Partido Comunista Brasileiro sob suas atividades, tal influência pode ser claramente sentida, não somente por sua filiação à Federação Democrática Internacional de Mulheres, mas principalmente a partir de

“palavras de ordem” e táticas utilizadas por Alice em suas ações. A vinculação de Alice ao Partido Comunista ganhava a opinião pública.

Na luta pela emancipação econômica do país e ao lado de outros movimentos sociais, Alice adere à campanha “o Petróleo é Nosso”. Maria Augusta participa ativamente da campanha ao lado de sua mãe.²¹ A luta nacionalista era agora uma luta familiar. A intensidade da campanha, contudo, muitas vezes exigia que fossem para lugares diferentes.

Em 1949 o país já contava com instituições femininas atuantes e organizadas em inúmeras entidades pelos Estados brasileiros; elas demandavam uma estruturação mais eficiente. Para atender a essa demanda, funda-se na capital federal a *Federação de Mulheres do Brasil*, tendo como sua presidente Alice Tibiriçá.

Entretanto, acirrava-se a violência. Alice já se encontrava adoentada quando, no dia primeiro de agosto, sua casa, juntamente com outras casas da cidade, foi cercada pela polícia e muitas prisões se fizeram. Diante da intimação para comparecer à delegacia, sem mandado judicial, “Alice recusou-se a atender à arbitrariedade”. E disse que só iria se fosse à força. Diante de tal negativa, a intimação transformou-se em um convite para que Alice comparecesse à Delegacia. Após prestar esclarecimentos, Alice foi liberada.

No mês seguinte, sua irmã Maneta comemoraria bodas de casamento e Alice resolveu ir a São Paulo tirar uns dias de descanso. Chegando à capital paulista, recebeu o convite de Amigos da Federação de Mulher para uma reunião na sede situada em um prédio comercial no centro da cidade. Como Alice não resistia a um convite de trabalho, mesmo adoentada decidiu comparecer. Ao chegar ao local, foi presa. Segundo a Delegacia de Ordem Social, sua prisão se justificava, pois

[...] cedeu, como diretora da Instituição Carlos Chagas, dependências dessa organização para um dos cursos de alfabetização do “Comitê Democrático Progressista” do Flamengo, entidade subordinada ao ext. Partido Comunista. Representou o Brasil (delegado do P.C.B) no Congresso Internacional de Mulheres, quando de sua instalação em Praga, na Tchecoslováquia. Mantém estreito contato com líderes do PCB, por intermédio do Instituto Feminino do Serviço Construtivo, entidade de carácter eminentemente marxista, da qual é presidente. Foi eleita vice-presidente do C.E.D de Petrópolis. Fez parte da Comissão Brasileira do II Congresso Internacional de Mulheres, realizado em Budapeste – Hungria.²²

Após intensa mobilização de familiares e amigos, Alice finalmente é libertada. Seu estado de saúde, porém, se agravara. No dia 8 de junho de 1950, após uma árdua luta contra um retículo-sarcoma, Alice falecia.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- ¹ Disponível em: < www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriapolitica/fichaseprontuarios>. Acesso em: 12 fev. 2015
- ² MIRANDA, Maria Augusta Tibiriçá. Alice Tibiriçá: Lutas e ideais. 2. ed. *Rev ampliada e atualizada*, Rio de Janeiro: Funpaconhan, 2005 p. 8.
- ³ LAQUEUR, Thomas W. Corps, detalhes e narrativa humanitária. *A nova história cultural*, São Paulo: Martins fontes, 1992. p. 239-277
- ⁴ MIRANDA, op. cit., p. 5.
- ⁵ Ibid., p. 10.
- ⁶ “Após uma cirurgia realizada em sua própria residência Augusta, com 39 anos, falecia em 11 de fevereiro de 1899. Em dezembro do mesmo ano de 1899, faleceu no Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro o seu pai, o general José Florêncio de Toledo Ribas, que já vinha doente. (MIRANDA, 2005, p. 11).
- ⁷ MIRANDA, op. cit., p. 12.
- ⁸ SIRINELLI, Jean François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003a. cap. 8.
- ⁹ MIRANDA, 2005, p. 14.
- ¹⁰ LAQUEUR, 1992, p. 242).
- ¹¹ Ibid, p. 240.
- ¹² SANGULARD, Gisele Laços de sociabilidade, filantropia e o Hospital do Câncer do RJ (1922-1936). *História, ciências, saúde* - Manguinhos. Rio de Janeiro, n. 17 supl. 1, p 127-147, 2010. p. 128).
- ¹³ No relatório da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra Lepra de 1926-1927, localizamos a participação de seu esposo em várias atividades realizadas no ano de 1926. Cf. RELATÓRIO... 1926/1927.
- ¹⁴ Folha da Manhã, 24 jan. 1931. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm>>. Acesso em: 08 fev. 2015. Em 08 de maio de 1931 Alice Tibiriçá proferiu, no Centro do Professorado Paulista, conferência sob o título “O valor da Cooperação da Mulher na Agricultura” e, em agosto de 1931, na Sede da Sociedade Rural Brasileira de São Paulo, sob o título “A mulher na Agricultura”. Também publicou artigos sobre a educação feminina no jornal Folha da Noite de 29 de abril de 1930, no jornal Correio Paulistano em 20 de maio de 1930, no Jornal a Folha da Manhã de São Paulo em 12 de janeiro de 1932, e na revista trimestral *Lavoura* de abril, maio e junho de 1931. (MIRANDA, 2005, p. 22).
- ¹⁵ FREIRE, Maria M. L. *Mulheres, mães e Médicos: Discursos maternalistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- ¹⁶ COSTA, Suely Gomes Proteção social, maternidade proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. *Estudos feministas*, v. 301, p. 2, 2002. p. 304.
- ¹⁷ TIBIRIÇÁ, Alice de Toledo Ribas. *Como eu vejo o problema da lepra: e como me vêem os que o querem manter* São Paulo. Rio de Janeiro: Biblioteca Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, 1934.p 21
- ¹⁸ BOCK, Gisela; DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Pobreza feminina, maternidade e direitos das mães na ascensão dos Estados-providência (1890-1950). *História das mulheres no ocidente*, Porto, v. 5, p. 185-320, 1991.
- ¹⁹ Sobre as representações da “Mulher Paulista” ver Weinstein (2004)
- ²⁰ As Uniões Femininas foram criadas para atender a política de “frente popular” estabelecida pela 3ª Internacional de 1935. Ver; COSTA, Ana Célia Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria B (Org.). *O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos interdisciplinares sobre a mulher, 2008.
- ²¹ Ver MIRANDA, Maria Augusta Tibiriçá. O Petróleo É Nosso! A luta contra o Entreguismo, pelo Monopólio Estatal. 1983. Rio de Janeiro: Petrobrás/Ipsis e entrevista de Maria Augusta Tibiriçá (1983), 2005 (CPDOC).
- ²² Informações prestadas pela Polícia Política do D.F – of. 2.129/S/I, de 1/12/49. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriapolitica/fichas>. Acesso em: 20 ago. 2014.

Recebido em: 19/02/2016

Aprovado em: 07/07/2016